

# O diálogo inter-religioso e a questão eco-humana: uma aproximação entre a *Laudato si'* do papa Francisco e a proposta de Paul F. Knitter

## Interreligious dialogue and the eco-human question: an approach between pope Francis *Laudato si'* and Paul F. Knitter's proposal

Chrystiano Gomes Ferraz<sup>1</sup>

### Resumo

Na carta encíclica *Laudato si'*, do papa Francisco, todos que habitam essa casa comum fomos convidados a desenvolver uma nova e necessária solidariedade universal, para então, por meio de um diálogo frutífero, construirmos vias de reparação aos danos que nós seres humanos – de várias etnias, crenças e descrenças – causamos à criação de Deus. Francisco deixa a sua contribuição à luz da fé católica e abre um espaço de diálogo e encontro dos saberes inter-religiosos. O presente trabalho teve por objetivo destacar a importância do diálogo inter-religioso para a promoção de uma ecologia integral, que inclua a necessária busca por libertação ecológica e humana. Analisamos pormenorizadamente o chamado dialógico da *Laudato si'*, sua contribuição e seu apelo às religiões, em aproximação com algumas contribuições de Paul F. Knitter – autor do diálogo inter-religioso que abraça a questão ecológica de maneira essencial, como objetivo do encontro inter-religioso. Ficou constatada a possibilidade de articulação entre algumas propostas de Francisco e Paul F. Knitter, resultando em importante contribuição para o atual diálogo das religiões.

### Palavras-chave

Diálogo inter-religioso. Ecologia integral. *Laudato si'*. Papa Francisco. Paul F. Knitter.

### Abstract

In pope Francis' encyclical letter *Laudato si'*, all who inhabit this common house were invited to develop a new and necessary universal solidarity, and then, through fruitful dialogue, build ways of redress for the damage that we humans – from various ethnicities, beliefs and disbeliefs – have cause to God's creation. Francis leaves his contribution in the light of the Catholic faith and opens a space for dialogue and meeting of interreligious knowledge. This paper aims to highlight the importance of interreligious dialogue for the promotion of an integral ecology that includes the necessary pursuit for ecological and human liberation. We have analyzed in detail *Laudato si'*'s dialogical call, its contribution and its appeal to religions, in close proximity to some contributions by Paul F. Knitter – author of the interreligious dialogue that embraces the ecological question in an essential way, as the objective of the inter-religious meeting of religions. It was found the possibility of articulation between some proposals of Francis and Paul F. Knitter, resulting in an important contribution to the current dialogue of religions.

### Keywords

Integral ecology. Interreligious dialogue. *Laudato si'*. Pope Francis. Paul F. Knitter.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB/FABAT). Capelão, professor de Bíblia, Filosofia e Sociologia no Recreio Christian School. Contato: [chrysferraz@hotmail.com](mailto:chrysferraz@hotmail.com).

## INTRODUÇÃO

A *Laudato si'*, escrita pelo papa Francisco, apresenta uma preocupação sócio-ecológica, e tem como um dos seus objetivos alertar a todos os seres humanos para a importância do cuidado integral com a criação de Deus – com a natureza e todos os seres que habitam este planeta – para garantir o futuro das próximas gerações da família humana e da casa comum (LS 159-162). Francisco propõe às esferas que compõem a sociedade – econômica, política, científica e religiosa – um amplo diálogo sobre a crise ecológica e as possibilidades de soluções através dos esforços conjuntos. Este trabalho procurou fazer uma leitura da carta encíclica *Laudato si'*, especificamente no seu chamado à colaboração das religiões na causa humano-ecológica para a construção de uma ecologia integral, e oferecer uma possível contribuição ao diálogo inter-religioso (DIR), aproximando a carta da finalidade do DIR correlacional e globalmente responsável segundo Paul F. Knitter.

Para tal, inicialmente, apresentaremos as raízes da crise ecológica descrita na *Laudato si'*, destacando a visão holística da carta e a necessidade de uma solução conjunta. Isto feito, seguiremos com a chamada à cooperação mútua das religiões, feita por Francisco na encíclica, para o desafiador diálogo em vista de uma ecologia integral. Na última parte apresentamos uma síntese do que Albert Moliner chamou de “a segunda etapa do pensamento de Paul Knitter” (MOLINER, 2011, p. 116), o modelo correlacional e globalmente responsável contido na obra *One Earth many religions: multifaith dialogue and global responsibility*. Nas reflexões conclusivas foi realizada uma tentativa de aproximação entre as duas obras no que se refere a necessidade do diálogo inter-religioso para a promoção do bem-estar e libertação eco-humana, salvaguardando a distância entre os pensamentos teológicos de Paul F. Knitter e papa Francisco.

### 1 UMA BREVE ANÁLISE DA CARTA ENCÍCLICA LAUDATO SI'

Francisco começa a carta afirmando que a Terra “clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou” (LS 2), o que já denuncia os causadores da grande crise ecológica a qual se refere: nós. As linhas que seguem este início da carta nos chamam a reconhecer a nossa culpa neste processo destrutivo, pois todos, de uma forma ou outra, contribuimos para o estágio alarmante de ameaça à vida em seus diversos aspectos (LS 8). Fazendo uma associação da constituição biológica do ser humano com os elementos que compõem a Terra, na sua linguagem religiosa baseada no livro bíblico de Gênesis (Gn 2,3), o papa começa a tecer uma linha de pensamento que interliga o sofrimento da Terra com o sofrimento do ser humano – maltratado, devastado e pobre – causado pelas mãos humanas, movidas pelo coração em pecado e praticante da violência contra a vida plena (LS 2).

Francisco oferece uma abordagem teológica da crise ecológica, mostrando uma ruptura na relação do ser humano com Deus, e conseqüentemente com a sua criação:

Segundo a Bíblia, estas três relações vitais romperam-se não só exteriormente, mas também dentro de nós. Esta ruptura é o pecado. A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas. Este facto distorceu também a natureza do mandato de “dominar” a terra (cf. Gn 1,28) e de a “cultivar e guardar” (cf. Gn 2,15). Como resultado, a relação originariamente harmoniosa entre o ser humano e a natureza transformou-se num conflito (cf. Gn 3,17-19). (LS 66).

Assim, a plena relação com o criador, com os outros seres humanos, e com as outras criaturas de Deus, constituem a plena realização do ser humano. A encíclica aponta como grande raiz da crise ecológica, e conseqüente sofrimento ecológico e humano, a falha do ser humano em sua atribuição primeira enquanto criatura de Deus, criada com o propósito de se relacionar com amor e harmonia. Dito em outras palavras, a raiz da crise encontra-se no fato de o ser humano ter falhado em *ser* humano. O capítulo III da encíclica – *A raiz humana da crise ecológica* – descreve com detalhes os empecilhos do nosso tempo presente que têm afastado o ser humano do seu modelo ideal.

Vale enfatizar mais uma vez que esta quebra de relação e evidente falha na missão de cuidar da Terra, não causa apenas o sofrimento da natureza, mas também do próprio causador. Estamos colocando em risco a própria vida humana no planeta, provocando “mudanças climáticas; extinção de espécies; diminuição da camada de ozônio; acidificação dos oceanos; erosão dos ciclos de fósforo e nitrogênio; abusos no uso da terra, como desmatamentos; escassez de água doce” (BOFF, 2016, p. 17).<sup>2</sup>

Uma das linhas de pensamento que corta toda a encíclica é a constatação de que: “tudo está interligado” (LS 138). Sob esta afirmação, Francisco apresenta a teia de relações em que estamos ligados, de atitudes individuais ou de grupos, contra a ecologia ou contra a vida humana que sempre afetam o todo.

Quer dizer, o aquecimento global tem a ver com a fúria industrialista, a pobreza de boa parte da humanidade está relacionada com o modo de produção, distribuição e consumo. A violência contra a Terra e os ecossistemas deriva do paradigma de dominação que está na base de nossa civilização já há vários séculos. O antropocentrismo é consequência ilusória de que somos donos e senhores das coisas quando temos o nosso lugar no conjunto dos seres humanos, como parte e parcela da natureza, e com responsabilidade ética de guardá-la e cuidá-la. (BOFF, 2016, p. 19-20).

É esta visão do todo interligado e da evidente desarmonia do todo inter-relacionado, que surge como potencial solução à busca de diálogo com todos. Se o problema foi causado por todos, pelo nosso modo de viver em sociedade, não vão ser os esforços individuais aqui ou ali que resolverão a questão – apesar de serem bem-vindos – mas a junção de forças em prol dos mesmos ideais. Para confirmar esta ideia, Francisco cita Romano Guardini.

---

<sup>2</sup> Sobre o antropoceno, Rockström (2009, p. 472-475).

## O diálogo inter-religioso e a questão eco-humana

As exigências desta obra serão tão grandes, que as possibilidades das iniciativas individuais e a cooperação dos particulares, formados de maneira individualista, não serão capazes de lhes dar resposta. Será necessária uma união de forças e uma unidade de contribuições. (GUARDINI, 1965, p. 72 apud LS 119).

Esses esforços coletivos deverão estar direcionados para a construção de uma ecologia integral. A *Laudato si'* não se limita a ser uma carta “verde”, mero ambientalismo, ou apenas uma tentativa de oferecer caminhos para uma nova vida ecológica, ela aborda integralmente o tema. Nas palavras de Leonardo Boff: “É a primeira vez que o magistério pontifício aborda de forma tão cabal e extensa a questão ecológica” (BOFF, 2016, p. 15). Essa é uma das novidades que marca a carta: O papa Francisco empreende uma virada “no discurso ecológico ao passar da ecologia ambiental para a ecologia integral” (BOFF, 2016, p. 19).

Seus antecessores durante o exercício do papado já haviam alertado sobre uma organização da economia vigente geradora de males ecológicos. Agora, Francisco propõe que a “própria ecologia inclui necessariamente as dimensões sociais e econômicas.” (BARROS, 2016, p. 179).

O capítulo IV (LS 137-162) é o coração da carta, onde Francisco explora mais amplamente a proposta de uma ecologia integral: “proponho que nos detenhamos agora a refletir sobre os diferentes elementos de uma *ecologia integral*, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais” (LS 137, grifo nosso). O que segue é uma reflexão que abrange a ecologia ambiental – superando a visão reducionista de que a natureza é mera moldura da realidade (LS 139) –, econômica e social, a ecologia cultural, a ecologia da vida cotidiana e a ecologia humana, que “é inseparável da noção de bem comum” (LS 156) e da justiça intergeracional. Sintetizaremos essa nova perspectiva recorrendo às passagens correspondentes da *Laudato si'*: 1) ecologia econômica: “é necessária uma ecologia econômica, capaz de induzir a considerar a realidade de forma mais ampla. Com efeito, a proteção do meio ambiente deverá constituir parte integrante do processo de desenvolvimento.” (LS 141); 2) ecologia social: o papa interliga a saúde ambiental à necessária saúde das instituições de uma sociedade, que influem diretamente na questão ecológica. (LS 142). Cita o documento *Caritas in veritate* de Bento XVI: “toda a lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais.” (CV 51); 3) ecologia cultural: não se pode excluir o dinamismo da cultura dos povos quando pensamos na ecologia, já que a ecologia também envolve “o cuidado das riquezas culturais da humanidade, no seu sentido mais amplo. Mais diretamente, pede que se preste atenção às culturas locais, quando se analisam questões relacionadas com o meio ambiente, fazendo dialogar a linguagem técnico-científica com a linguagem popular.” (LS 143); 4) ecologia da vida cotidiana: “Para se poder falar de autêntico progresso, será preciso verificar que se produza uma melhoria global na qualidade de vida humana.” (LS 147). Nossa maneira de sentir e experimentar a vida passam pelo ambiente que vivemos, não podemos, portanto, negligenciar esses espaços onde a vida acontece diariamente.

A encíclica é um verdadeiro instrumento educativo, que conduz neste processo de absorção dessa visão integral da vida: “a análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos, e da relação de cada pessoa consigo mesma, que gera um modo específico de se relacionar com os outros e com o meio ambiente” (LS 141).

Outra ênfase que perpassa toda a carta é a defesa dos mais pobres e excluídos da sociedade e dos povos originários. Para além do sentido exclusivamente sociológico, intencionalmente, Francisco faz menção ao pobre de diversas maneiras. Benedito Ferraro consegue elencar este recurso utilizado pelo papa:

“Mais pobres e abandonados” (10); os “mais pobres do mundo” (13); os excluídos (13, 139); “mais pobres” (20, 158); “os mais frágeis do planeta” (48, 66 e 196); “pobres, fracos e vulneráveis” (52; 190, 237); “os abandonados do mundo” (53); os descartados (45); “irmãos e irmãs mais frágeis” (64); “pobres, órfãos. Viúvas, estrangeiros” (71); os “mais desfavorecidos” (93); “o pequeno” (94); “pobres crucificados” (241); “pobres libertados” (243). (FERRARO, 2016, p. 70).

De forma mais explícita, ao tratar da busca pelo bem comum, Francisco externa em forma de apelo a necessidade de se fazer a opção preferencial pelos pobres.

Nas condições atuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres. (LS 158)

Francisco insiste que todos devem colaborar para “sair da espiral de autodestruição, onde estamos afundados” (LS 163). E é propondo o diálogo e contribuição das religiões que o papa oferece o espaço para a contribuição de todos para o bem comum.

## **2 O CHAMADO AO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA LAUDATO SI'**

Logo no início da carta Francisco claramente expõe sua intenção de dialogar: “nesta encíclica, pretendo especialmente entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum” (LS 3). O diálogo que Francisco pretende estabelecer está longe de ser um monólogo, um anúncio de sua parte ou um pronunciamento. O papa faz o chamado ao compartilhamento dos saberes e o dirige “a cada pessoa que habita neste planeta” (LS 3), não só a todas as pessoas, mas a todos os grupos que elas representam, assim como a todos os setores atuantes na sociedade. Destacaremos nesta parte a convocação de Francisco à cooperação das religiões e a importância deste diálogo na *Laudato si'*.

Francisco reconhece o número significativo de mulheres e homens que professam alguma fé, já que “a maioria dos cidadãos declara-se crente” (LS 201). É bem verdade que esta maioria está distribuída entre as chamadas “grandes religiões” – cristianismo, islamismo, budismo, hinduísmo, religiões chinesas e judaísmo – e que algumas delas carregam suas

**Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 7, n. 11, p. 150-160, jul./dez. 2019  
154 ISSN 2595-8208

diferenças históricas entre si. O pluralismo religioso é uma realidade em nosso mundo atual. Os discursos exclusivistas e as tentativas de absolutizar uma religião sobre as outras está se esvaindo cada vez mais. Com o crescente processo de *mundialização* (VIGIL, 2006, p. 26), as religiões foram colocadas em proximidade, obrigadas à convivência nos espaços sociais e forçadas a dar uma resposta à alteridade. Agora, a identidade religiosa precisa estabelecer-se em meio ao contínuo contraste com o diferente, em um mundo secularizado que se transforma e se atualiza com imensa velocidade.

Não perdendo de vista o objetivo do diálogo – alcançar uma ecologia integral – o bispo de Roma adverte: “Se quisermos, de verdade, construir uma ecologia que nos permita reparar tudo o que temos destruído, então nenhum ramo das ciências e nenhuma forma de sabedoria pode ser transcurada, nem sequer a sabedoria religiosa com a sua linguagem própria” (LS 63). O papa, como representante da fé cristã católica, entende que as convicções de fé podem oferecer aos cristãos – ou aos crentes de outras tradições – “motivações altas para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis” (LS 64). Portanto, o cuidado da casa comum e a opção pelos mais fragilizados se converte em lugar de encontro das religiões. O pluralismo religioso e toda a diversidade de representações religiosas não deveria afastar e ser um impeditivo ao diálogo, mas o grande motivo para “estabelecer diálogo entre si, visando o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção de uma trama de respeito e fraternidade” (LS 201).

O cristianismo possui tesouros a serem compartilhados com as outras religiões, para o enriquecimento delas: assim como as outras religiões têm os seus tesouros e podem enriquecer a vivência do cristianismo. Francisco não só encoraja as religiões – e os religiosos – a estabelecerem o diálogo entre si para o enriquecimento mútuo, mas dá provas desse partilhar ao acolher a sabedoria do muçulmano Ali Al-Khawwas, e classificando-o como “um mestre espiritual.” (LS 233).

A convocação ao diálogo inter-religioso não é uma imposição, mas um chamado. Está implícito neste chamado o convite às religiões que pretendem contribuir com a causa ecológica, que não deixa de ser um diálogo em prol da vida. Dom Pedro Casaldáliga destaca traços fundamentais para a composição de uma espiritualidade inter-religiosa, que nos poderá servir como alvo a ser atingido conjuntamente nas nossas relações com o outro religioso:

Primeiro lugar a maturidade e a liberdade, uma afirmação da identidade própria a partir do gênero, cultura, fé religiosa e condição social. Uma maturidade e liberdade simultaneamente. Em segundo, a escuta contemplativa do Deus da vida que continua se revelando, e a paixão por seu projeto de libertação plena. Em terceiro, a abertura fraterno-sororal a todas as pessoas, às suas culturas e religiões e o diálogo sincero, autocrítico e crítico, em pé de igualdade. Esse diálogo inter-religioso deve ser autocrítico e crítico. Nós dialogamos com as religiões da vida, e não com as religiões da morte. Em quarto, a sensibilidade misericordiosa e a solidariedade eficaz diante de toda situação de marginalização e morte. Em quinto, a celebração gratuita e esperançosa do Deus da vida, da vida da humanidade, da beleza da terra e do cosmos, hoje dramaticamente ameaçada (CASALDÁLIGA, 1997, p. 38).

O diálogo inter-religioso aparece na *Laudato si'* como uma possibilidade de estabelecer a harmonia entre as religiões para a cooperação mútua na causa ecológica e social. Podemos constatar até aqui que, na *Laudato si'*, as tradições religiosas também foram convidadas a desenvolver uma nova e necessária “solidariedade universal” (LS 14), para, por meio de um diálogo frutífero, construir vias de reparação aos danos que nós seres humanos – de várias etnias, crenças e descrenças – causamos à criação.

Apresentaremos parte da proposta do teólogo do pluralismo religioso Paul F. Knitter, a que se refere ao modelo globalmente responsável e a libertação eco-humana como um suporte à leitura da *Laudato si'* que pretendemos propor.

### **3 ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE PAUL F. KNITTER PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO**

Agora, extrairemos possíveis contribuições ao tema do diálogo inter-religioso da proposta de Paul F. Knitter, teólogo cristão e professor emérito do *Union Theological Seminary*, em Nova Iorque. De acordo com Faustino Teixeira, Paul F. Knitter é um dos mais importantes representantes da teologia pluralista das religiões (TEIXEIRA, 1999, p. 154-170). Apresentamos uma síntese do que Albert Moliner chamou de “a segunda etapa do pensamento de Paul Knitter” (MOLINER, 2011, p. 116), o modelo correlacional e globalmente responsável contido na obra *One Earth many religions: multifaith dialogue and global responsibility*. Outras obras de Knitter também nos servirão de suporte para esta reflexão.

Knitter propõe uma aproximação ao diálogo – inter-religioso – pelo substrato comum de responsabilidade global para o bem-estar e libertação eco-humana – daí o nosso relevo à sua obra. O autor inspira-se na teologia da libertação (TdL) – mais precisamente na ênfase das vítimas enquanto *locus theologicus* – em seu modelo de teologia do pluralismo religioso. Ele mesmo afirma: “para mim se converteu em uma obrigação moral unir ‘pluralismo e libertação’ e ‘diálogo e responsabilidade global’[...]. Em outras palavras: as vozes do outro sofredor me fizeram compreender melhor as vozes do outro religioso” (KNITTER, 1995, p. 11).

Nesta perspectiva, Knitter entende que as religiões “haverão de fazer uma contribuição dialógica, cooperativa e de forma combinada – correlacional e globalmente responsáveis para evitarem os sofrimentos desnecessários da humanidade e da Terra (MOLINER, 2011, p. 117-118). Para o diálogo inter-religioso ser efetivo ele precisa incluir uma teologia de libertação, e vice-versa, afirma Knitter (KNITTER, 1995, p. 14).

Observa-se que para além da busca pela justiça social empreendida pelos teólogos da libertação, Paul Knitter propõe a busca pelo bem-estar eco-humano, acrescentando na lista das vítimas da violência opressora das estruturas humanas, a indefesa natureza, a criação de Deus. Lembramos que tal empreendimento foi *primeirado* por Leonardo Boff, um dos expoentes da TdL.

## O diálogo inter-religioso e a questão eco-humana

Uma diferença no modelo de Knitter em relação ao da TdL, é que o modelo da TdL busca promover a justiça social através de uma religião, o cristianismo, enquanto Knitter propõe o diálogo e a participação das religiões, a ampliação da visão do reino de Deus, que, em seu ver, abarca mais crentes do que apenas os cristãos, o que, segundo Knitter, pode promover um “diálogo correlacional verdadeiro, um diálogo que todas as partes sejam capazes de ouvir e ser desafiadas pelos outros e, ao mesmo tempo, falar e desafiar a sua própria religião” (KNITTER, 1995, p. 24).

Knitter propõe uma nova via de abordagem ao diálogo inter-religioso, diferente dos modelos tradicionais – exclusivista (ou eclesiocêntrico), inclusivista (ou cristocêntrico) e pluralista (ou teocêntrico). Knitter propõe uma quarta abordagem ao tema, sem excluir por completo o valor de cada uma das anteriores. O autor vai chamar este modelo de soteriocêntrico ou globalmente responsável (KNITTER, 1995, p. 36-37). Este modelo seria baseado na capacidade e na necessidade de promover o bem-estar eco-humano – *sotería* – que aparece em todas as tradições religiosas em diferentes graus e maneiras: “Pode -se compreender o componente divino ou transcendente da *sotería*. Devido a que sugiro que as múltiplas tradições possam avaliar uma responsabilidade global para a *sotería* do mundo” (KNITTER, 1995, p. 99).

Knitter propõe como substrato comum o olhar para o sofrimento, pois este é o elemento comum na experiência humana na Terra (KNITTER, 1995, p. 57). A voz das vítimas, ou seja, o sofrimento dos desesperançados, tem uma urgência e universalidade que os convertem em ponto comum e prioritário. Outro substrato comum para o DIR, segundo Knitter, é também, a responsabilidade global (KNITTER, 1995, p. 73). Nas palavras de Knitter:

Nós temos que encarar o fato que este mesmo mundo consiste, mais do que nunca, em perigos e crises que estão ameaçando a vida do planeta e da humanidade. Nós, portanto, temos a responsabilidade de fazer alguma coisa em relação a estas crises. Essas duas realidades – diversidade e responsabilidade – devem ser afirmadas e colocadas em equilíbrio moral e interação criativa. (KNITTER, 1995, p. 67).

Ser globalmente responsável já é uma característica religiosa, ou ao menos deveria ser. Tendo em vista as recomendações das Escrituras Sagradas do cristianismo, não há razões para pensar o contrário desta tradição. Ser globalmente irresponsável, não promotor do bem-comum, já é por si só uma atitude irreligiosa.

Segundo Knitter, as diferentes experiências religiosas não são uma oposição, mas complementares e análogas, e podem levar ao mesmo compromisso global (KNITTER, 1995, p. 112). Através da *práxis* da responsabilidade global o diálogo inter-religioso poderá revitalizar-se, assim como a teologia cristã se revitalizou na tarefa de “interpretar o Evangelho sob os olhos e as lutas dos oprimidos”, projeta Knitter (KNITTER, 1995, p. 96).

A diversidade não pode ser um impeditivo para a nossa ação como responsáveis uns pelos outros, ou pelo bem-estar comum. Knitter também propõe, com inspiração na *fronésis*



*aristotélica*,<sup>3</sup> a primazia do lugar da *práxis* libertadora. É atuando conjuntamente para o bem-estar comum que os fiéis das diferentes religiões poderão dialogar, antes de debaterem verdades de fé ou teologizarem (KNITTER, 1995, p. 82). Knitter prioriza a *ortopráxis* sobre a *ortodoxia*, e este é outro ponto em comum do autor com a TdL (MOLINER, 2011, p. 131).

O diálogo teria como ingrediente principal o que “está contido no anúncio dos teólogos da libertação: “A teologia é sempre um segundo passo” – não que ela seja negligenciada. Aplicando ao contexto inter-religioso, o diálogo para o acordo doutrinário, como é compreendida a função do DIR no senso comum, quando viável, será sempre um segundo passo (KNITTER, 1995, p. 137).

Paul F. Knitter propõe uma “conversão mundial”. Não se refere a uma conversão religiosa, mas uma conversão ao compromisso total com o bem comum, o bem do todo. Esta “conversão ao bem-estar eco-humano pode ser a ocasião para as religiões redescobrirem e verem o poder libertador que suas tradições têm neste mundo” (KNITTER, 1995, p. 133).

Como experiência prática do que Knitter vem propondo até aqui, podemos apontar a experiência que o próprio autor apresenta com aplicação no Sri Lanka, com as Comunidades Humanas de Base (CHBs). Estas se assemelham às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) mas se distinguem dessas pelo fato de não serem formadas somente por cristãos, mas por religiosos das diversas tradições.

Não é o diálogo inter-religioso por si só que junta as pessoas nas CHBs (RODRIGO, 1988, p. 19-29), elas se baseiam em “problemas humanos comuns aos que enfrentam os seguidores de todas as religiões de um lugar particular” (MOLINER, 2011, p. 155), no caso relatado, o Sri Lanka em sua pluralidade de religiões e crenças.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após estes breves destaques feitos da carta encíclica *Laudato si'* e das contribuições de Paul F. Knitter para o tema do diálogo inter-religioso, proporemos algumas possíveis aproximações do chamado de Francisco ao diálogo inter-religioso na *Laudato si'* da proposta de Knitter. De antemão, gostaríamos de deixar claro que não faremos aproximações das linhas de pensamento teológico dos autores. As duas contribuições estão orientadas para despertar o potencial das religiões para a preocupação da ecologia.

Tanto Francisco quanto Knitter, acreditam na possibilidade do diálogo inter-religioso e de sua eficácia para promover no arraial das religiões “o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção de uma trama de respeito e fraternidade” (LS 201). Sobre uma atitude em direção ao cuidado com a ecologia integral, Francisco faz um apelo à conversão ecológica, e analogamente, Knitter defende uma “conversão mundial” ou à responsabilidade global.

Outro ponto de contato é a opção preferencial pelos pobres, injustiçados e maltratados pela sociedade, incluindo dentre estes fragilizados a mãe Terra. Esta aproximação nos parece

---

<sup>3</sup> Resumidamente: conhecer a verdade fazendo-a.

## O diálogo inter-religioso e a questão eco-humana

óbvia e comum hoje, mas, ainda na segunda metade dos anos 1980, Knitter foi um dos pioneiros a desenvolver uma teologia do pluralismo religioso voltada também para a causa ecológica.

Os impulsos libertadores podem ser percebidos nas obras dos dois autores em destaque. Knitter bebeu da TdL para formular a sua teologia do pluralismo religioso, e Francisco enquanto bispo de Buenos Aires foi representante da *teología del pueblo*, ramo da teologia da libertação aplicada à realidade da Argentina (SCANNONE, 2017).

Com estas aproximações, entendemos que os dois autores compartilham as mesmas aspirações, apesar de formulá-las de maneira diferente. Como os dois autores acolhem os diferentes saberes religiosos como dados positivos para a questão que a todos atinge, o que nos possibilita, com cautela, propor uma leitura da carta encíclica *Laudato si'* em seu chamado inter-religioso para o desenvolvimento de uma ecologia integral, que por sua vez, inclui a busca por libertação e bem-estar eco-humano. ✨

## REFERÊNCIAS

BARROS, Marcelo. Convite para unir terra e céu. A encíclica *Laudato si'* e a espiritualidade macroecumênica. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 76, n. 301, p. 171-183, jan./mar. 2016.

BOFF, Leonardo. A encíclica do Papa Francisco não é “verde”, é integral. In: MURAD, Afonso Tadeu.; TAVARES, Sinivaldo Silva. (Orgs.). **Cuidar da casa comum**: chaves de leitura teológicas e pastorais da *Laudato si'*. São Paulo: Paulinas, 2016.

CASALDÁLIGA, Pedro. O macroecumenismo e a proclamação do Deus da vida. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **O diálogo inter-religioso como afirmação da vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.

FERRARO, Benedito. *Laudato si'* e a opção pelos pobres. In: MURAD, Afonso Tadeu; TAVARES, Sinivaldo Silva. (Orgs.). **Cuidar da casa comum**: chaves de leitura teológicas e pastorais da *Laudato si'*. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO. **Carta encíclica *Laudato si'***: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

KNITTER, Paul F. **One Earth many religions**: multifaith dialogue and global responsibility. Maryknoll: Orbis Books, 1995.

MOLINER, Albert. **Pluralismo religioso e sofrimento eco-humano**: a contribuição de Paul Knitter para o diálogo inter-religioso. São Paulo: Paulinas, 2011.

MURAD, Afonso T.; TAVARES, Sinivaldo S. (Orgs.). **Cuidar da casa comum**: chaves de leitura teológicas e pastorais da *Laudato si'*. São Paulo: Paulinas, 2016.

ROCKSTRÖM, Johan et al. A safe operating space for humanity. **Nature**, Londres, n. 461, p. 472-475, set. 2009.

RODRIGO, Michael. Buddhism and Christianity. Towards the human future. **Logos**, Colombo, n. 27, p. 19-29, 1988.

## **Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso**

SCANNONE, Juan Carlos. **La teología del pueblo: raíces teológicas del papa Francisco**. Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2017.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). **O diálogo inter-religioso como afirmação da vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.

TEIXEIRA, Faustino. O diálogo inter-religioso face ao desafio da responsabilidade global. **Numen**, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 154-170, jan./jun. 1999.

TEIXEIRA, Faustino **Teologia do pluralismo religioso**. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012.

VIGIL, José Maria. **Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2006.